

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVII Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

20 de Maio de 1914

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

N.º 1274

CRONICA OCCIDENTAL

A primôr, inaugurou-se, dia 15, a exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Cumpre dizer — este certamen não pôde ser considerado inferior, sob aspectos varios, ao certamen magnifico que o antecedeu. Nossos melhores mestres de Pintura, ali estão notavelmente representados.

Tivemos ocasião de visitar os salões do Palacio, antes de abertos com franquesa ao publico amador e curioso — os operarios borburiavam em volta afanosamente na dependura de quadros, disposição de motivos esculptoricos e decorativos. A nossa visita foi, pois, muito breve e a impressão recolhida, aliás agradabilissima, só podemos, assim, explanal-a, sumariamente.

Columbano expõe treze telas. Artista sumo — analisando-o, mais e mais, nos detalhes vigorosos do seu traço, embrenhando-nos absortos na tonalidade sombria da sua paleta, a nossa admiração cresce, dentro de nós, em fremito, num arrôjo irresistivel de entusiasmo, em proporções vastas, perturba nos e alicia-nos de maravilha e extase. Quanto mais nos familiarisamos no exame demorado dos seus quadros, tanto mais nos prende a simpatia áquele processo, energicamente estranho, de fundir em vida e alma as tintas do seu pincel. E' ainda, e sobretudo, no retrato, que Columbano sobreleva...

São incontestavelmente obras-primas os retratos de Bulhão Pato, Teixeira Gomes, Teixeira de Queiroz, da sr. D. M. J. B. M. e *Primavera*.

Tambem, da sua digressão por terras flamengas trouxe para o nosso carinho dois belos trechos de ar livre, que são aspectos de Bruges—*Porte Marechal* e *O Canal*.

Carlos Reis, o notavel professor de paisagem, enviou ao certamen, meramente, um trabalho. Em compensação, consola-nos da quantidade minima a qua-

lidade superior. *Retrato de Mademoiselle E. da S. G.*—tal é a obra de Carlos Reis. Estilizada de elegancia, tocada de graça, encantadora de attitude, é um mimo de Arte que emociona deliciosamente contemplar.

Egualmente, José Malhóa apresenta um unico quadro. Intitula-se — *Saboreando*. Representa um bom velho, de tempera antiga e figados bons, fisionomia franca, tipo lidimo de camponio luso, que abanca, ante uma tigela de vinho tinto, na comezaina dum melão, sem duvida delicioso.

Todas as grandes qualidades do Mestre, que o caracterizam eminentemente, entre os pintôres da sua geração, se evidenciam nesta obra. Pintôr realista, surge á nossa consideração admirativa, pela verdade fla-

grante do colorido, precisão da linha, e vigôr magistral do toque.

De Condeixa vimos alguns trabalhos de execução primorosa, *Vindima* tal o que de relance colheu mais comovidamente a nossa attenção. Episodio da vida campezina, perfumado de humus saluberrimo, aureolado duma luz suavissima de outono, vitalisa de alegria e despreocupação sadia.

Veloso Salgado expõe quinze telas. O quadro que intitului *Enlêvo* não desmente nem de leve contraria a intencionalidade do autôr. Literalmente, *enleva* num arrobo de fantasia...

— Taes os Mestres que a nossa simpatia elegeu nesta exposição magnifica de arte.

A confusão enervadora, amontoada, de telas e bustos, nos salões do Palacio, por esse dia em que tivemos ocasião de visital-o, antes de inaugurado o certamen, não nos permitiu que mais detidamente examinassemos. Assim como assim, ainda pudemos esgueirar de relance olhares de admiração para as marinhas de João Vaz, gallos de Girão, *pochades* de Bonvalot, telas de Alves Cardoso, Trigoso, Antonio Saude, Cristino, Simão da Veiga, etc.

De estatuaria, as obras confirmam os meritos já reconhecidos dos seus autôres — como esse rodinesco bronze patinado de Vaz Junior *A Luz e a Treva*, a attitude, vincada de expressão, que é o *Cavadôr* de Costa Mota, o delicioso *busto de mulher* de Simões de Almeida (Sobrinho) e essas estatuetas graciosissimas que os dedos febricitantes de Ernesto do Canto modelaram...

Corre na ordem do dia a questão dos duelos. A proposito duma resolução consolidada nas estancias superiores do Estado, prohibindo-os formalmente, ou antes, applicando com maior firmeza a lei antiga que os prohibia — a discussão açõ-



CONSELHEIRO DR. AUGUSTO CARLOS CARDOSO PINTO OSORIO

da-se e as opiniões variam conforme as cabeças e a destreza dos pulsos correlativos.

Com o advento dos primeiros calôres, aflora mais impertinente a brotoeja da irritabilidade. E por qualquer epíteto de ambiguidade ou citação cacafônica de história, *por-dá-cá-aquela-palha*, armam-se dois contendôres, caem a tundo e desarmam-se, enfim, por vezes reconciliados, mas sem efusão de sangue ruim. Alguem alevanta com ênfase o dedo índice e considera o duelo como uma reminiscência do passado ominoso e gesto ridículo de cavalheirismo medieval. Conclusão lícita e lógica: pode lá consentir-se, nestes tempos decorrentes de fraternidade e liberdade, que subsista prestigiosamente um vestígio dessa época obscura que reconhecia a servidão, de direito e facto, por usos e costumes?...

Embora pese a quem nunca, por sua vida, duelou, o duelo é, em absoluto, aceitável pelas condições da nossa sociedade. Desde que, de facto, exista a ofensa, ha de direito a defesa imediata. Nos tribunaes-de-honra? Não acaricie, de mais, sr. Antonio José d'Almeida, essa amável utopia. Alastram por ahí nodoas que não podem nem devem ser lavadas em publico. Saria indecoroso, e além de tudo, ridículo.

Ao pugilato de marujo?... A' naifada de faia?...

Entanto, ha ainda força de animo e beleza de espirito, nessa attitude, dobrada de melindres, de adversarios pundonorosos que sem desdenhar brio nem estetica se preparam para uma quasi certa mutilação ou morte possível...

Que o diga, sem hesitações, o nosso grande Mestre, Antonio Martins, que recolheu, ha dias, em festa que lhe fôra dedicada no Teatro de S. Carlos, o testemunho, em ovação comovida, da simpatia grata e entusiastica dos seus discipulos.

ANTONIO COBEIRA.



Conselheiro Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio

Enriqueceu-se a litteratura portugueza com um livro por todos os titulos notavel, sob a epigraphe — *No Campo da Justiça*, cujo auctor recebeu entusiasticos encomios de toda a imprensa. O OCCIDENTE prestou-lhe tambem a sua homenagem pela penna auctorizada d'um distincto magistrado (Veja-se o n.º 1271 d'esta revista).

Com esse trabalho o sr. juiz Pinto Osorio emprehendeu (cito as suas palavras) libertar de duras e aviltantes penas e de uma infamante condemnação um honrado e glorioso innocente, aleivosamente condemnado que se chama — *Poder Judiciario Portugues*, e, fazendo-o, obedeceu á *paixão da justiça*, a ideia mais pura, mais nobre, mais alta, mais sublime e mais forte, depois da ideia de Deus! — ; ideia que levanta e eleva acima de si proprio e das suas faculdades e que se sente aquecida na chama sagrada do seu amor! O seu fim é pedir e obter reparação e justiça para a *Magistratura*, sobre cuja cabeça pendem ameaçadoras e aviltantes a lei de 12 de Julho e o Regulamento de 26 de Outubro de 1912, que são *uma arma de coacção e vexame contra a dignissima e respeitabilissima magistratura portugueza, collocando a honra, a dignidade dos juizes sob a fiscalização do odio, da politica das autoridades locais, da vingança dos fortes e da calunnia de toda a gente*. Assim definiu aquelles diplomas a voz auctorizadissima do distinctissimo professor e senador, sr. Dr. Pedro Martins, na sessão do Senado de 6 do corrente, em que se prestou rasgada homenagem á obra agora publi-

cada, devido á penna do venerando e notabilissimo magistrado, não simples ornamento, mas gloria purissima da magistratura portugueza, o sr. juiz Pinto Osorio.

Não é meu intento falar do livro; seria estulticia, ou melhor uma profanação. Direi apenas que, embora adstricta ao campo juridico, a sua materia é ensinamento valiosissimo para todos os que se interessarem pela vida da nossa patria. Ha ali referencias a muitos homens eminentes e a factos mais ou menos conhecidos e que são dignos de annotação. A segunda parte do livro — *As dictaduras e o poder judicial* tem um alto valor historico e juridico. As biographias dos conselheiros *Poças Falcão* e *Dias de Oliveira* fariam inveja a *Plutarcho*.

O juiz *Dias de Oliveira* é bem o prototypo do portuguez d'outras eras, d'antes quebrar que torcer, na phrase de *Sá de Miranda*.

Retempera-nos a alma a leitura d'este livro. Constitue elle uma galeria de estadistas que encheram oitenta annos de constitucionalismo e cuja evocação nos dá alento para crêr no futuro da nossa querida Patria. Muito tem ella a esperar ainda da solida illustração e da inconfundivel integridade moral do illustre jurisconsulto, que sendo, como sempre tem mostrado, um grande patriota, certamente riscará como sem effeito aquella *promessa de não reincidir, recolhendo-se a perpetuo silencio*. Um momento de desalento não deve aniquilar para a Patria quem tanto a estremece e tanto lhe pôd' dar em fulgores de intelligencia e de coração.

Não é meu proposito fazer a biographia do distincto magistrado; essa missão só poderá cumpri-la um dos seus pares. Trago apenas algumas notas difficilmente colhidas, tendentes a diffundir a grande personalidade do sr. Conselheiro Pinto Osorio, pondo em destaque alguns dos innumeros e relevantes serviços prestados ao paiz pelo integerrimo magistrado, distincto homem de letras e benemerito philanthropo.

A sua biographia apparece-nos admiravelmente synthetizada na pag. 183 do livro — *No Campo da Justiça*, pagina sublime, commovente de sinceridade, de orgulho, de independencia de caracter e de amor patriotico!

O sr. Pinto Osorio nasceu numa sorridente aldeia da margem direita do rio *Lima* na extrema dos dois concelhos de *Arcos de Val de Vez* e de *Ponte da Barca*. Foi educado nos mais sãos principios da liberdade, da religião e do culto da patria, e muito cedo sentiu vocação para as letras, onde se contaria entre os primeiros, se os estudos juridicos o não fascinasse. Se as letras muito perderam, a magistratura engalanou-se, engrandeceu-se. O talentoso estudante marchou para Coimbra a estudar leis. Durante a sua vida academica conviveu intimamente com a brilhante pleiade litteraria em que refulgiam Anthero, G. Junqueiro, T. Braga, J. de Deus. Este divino lyrico teve no sr. Osorio um apaixonado admirador, que lhe salvou muitos versos, que depois publicou, como se vê das referencias do sr. T. Braga no *Escorço biographico* que prende o livro intitulado — *Festiva de João de Deus*. Ainda hoje o sr. Osorio se ufana de possuir o *saudoso guardajoias do poeta... um velho caderno com as folhas amarelecidas e soltas, como as folhas das arvores por cima das quaes o outomno passa!* (Veja-se *Amelia Janny*, in Almanach de Ponte de Lima, para 1910).

A imprensa attrahia-o desde o tempo de estudante; e, logo depois da sua formatura em 1865, aos 22 annos de idade, começou de escrever cartas semanaes de Ponte de Lima para o *Jornal do Porto*, então um dos mais importantes, onde collaboravam permanentemente *Julio Diniç* e *Ramalho Ortigão*.

Em 1866, com o seu amigo e condiscipulo dr. *Francisco Roberto de Magalhães Barros* (magistrado distincto hoje aposentado) fundou o *Echo do Lima*, jornal que teve bastante importancia na região e de que foi redactor até 1868. Ali se publicaram muitos versos do grande lyrico, que a mão piedosa do amigo dedicado se apressara em copiar, salvando-os. No mesmo anno de 1868 entrou na magistratura do ultramar, sendo nomeado delegado da comarca de *Sotavento de Cabo Verde*.

Existia ainda a nefanda constituição da escravatura, embora já estivesse estabelecido o prazo da sua completa extincção e se houvessem legislado muitas providencias a favor dos seres infelizes a ella sujeitos, devido aos perseverantes e denodados esforços de grande philanthropo e protector da raça negra, o *Marquez de Sá da Bandeira*, cognominado o *Bayard portuguez*, pelo grande historiador *A. Herculanio*. O *Trabalho Rural Africano* e a *Administração Colonial*

é o padrão glorioso da obra libertadora do heroico e humanitario Sá da Bandeira, que teve um digno continuador na pessoa do inclito magistrado.

Competia ao delegado da comarca da capital da provincia, na ausencia do Bispo, a presidencia da *Junta Protectora dos Escravos e Libertos*; e o Dr. Osorio, assumindo-a, consagrou-se de alma e coração á emancipação dos infelizes que a lei punha sob a sua auctoridade, como se vê do relatorio que escreveu e foi publicado no *Boletim Official da Provincia de Cabo Verde* de 14-2-1969, documento que foi devidamente apreciado nas regiões officiaes. Formulou depois e propoz ao governador da provincia *Instrucções* em que se exigia um novo registo dos libertos, obrigando-se os senhores de tão irracional e deshumana propriedade a apresentarem os titulos d'esta (*Boletim Official* de 28-5-1969).

Este predomínio deu os mais beneficos resultados, sendo julgados livres muitos dos que estavam sujeitos á escravidão.

Tendo sido nomeado *procurador da corôa e fazenda junto da Relação de Loanda*, voltou a Cabo Verde como juiz de direito, em Abril de 1871 e, não oficialmente, mas como cidadão, como escriptor e com a auctoridade da sua posição, continuar sua benemerente campanha em prol d'esses desditos negros que a lei cruel e a sociedade madrastra consideravam como cousas! Presidia então á *Junta Protectora do Bispo D. José de Carvalho*, que depois foi Bispo de Vizeu. Por iniciativa do juiz Osorio foi dirigida ao governo da metropole uma mensagem, que elle mesmo redigiu em 1874, documento que teve rasgados elogios e que foi attendido, na publicação do decreto de 31 de Outubro d'aquelle anno — data do anniversario do monarcha — que extinguiu para sempre a escravatura no archipelago de Cabo Verde, libertação que só dois annos depois se estendeu ás outras provincias ultramarinas. Pelos seus serviços na comarca de Sotavento de Cabo Verde foi louvado em Portaria Regia de 2-4-1874, e teve uma menção honrosa com capitulo especial, no *Relatorio*, que anda publicado, do Presidente da Relação de Lisboa, *Conselheiro Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco*.

Foi ainda agraciado com a commenda da Ordem de Christo, de que pediu a renuncia, acceite em 22-10-1874. Foi transferido para a comarca de *Macau*, d'onde, passados alguns menses, foi promovido para a *Relação de Gôa*.

Da sua passagem por Macau ficou um livro, hoje raro, intitulado *Historia de uma administração ultramarina*, ao qual ha pouco se fez referencia (veja *Capital* de 8-4-1914) dizendo-se que cahira como um latego esbraseado no meio litterario e politico de então.

Tendo sido estabelecida para a India Portugueza, em 1881, a contribuição de juros, que até então não era lá cobrada, compilou por ordem e systematicamente todas as disposições chaoticas d'esse imposto, reunindo-as num diploma unico, que foi approvedo pelo governo provincial e pelo ministerio do ultramar em diploma especial.

Tomou parte na execução do tratado luso-britanico de 1879, auxiliando o governador nos trabalhos de convenção de extradicação que teve de celebrar-se em virtude d'esse tratado. (Veja *No Campo da Justiça*, pag. 233.)

Entrou na magistratura do reino pela *Relação dos Açôres*, em 1887, collaborando em varios jornaes michaelenses sob o pseudonymo litterario de *Pedro Eurico*.

Passou em 1890 para a *Relação do Porto*, da qual foi presidente de 1902 a 1903, anno em que foi promovido ao *Supremo Tribunal de Justiça*.

Em Outubro de 1910 foi nomeado presidente d'esse alto tribunal, occupando assim o mais elevado cargo da hierarchia judicial, sempre querido e respeitado pelos seus venerandos collegas. A seu pedido, e com pesar de todos, foi aposentado em Fevereiro de 1912.

E' collaborador effectivo, ha vinte e tres annos, da *Revista dos Tribunaes*, do Porto, onde foi publicada a primeira parte do livro a que se fez referencia. Muitas das suas decisões estão colligidas em livro, que se intitula — *Decisões do Juiz Pinto Osorio* — ; pelo muito intelligente e illustrado juiz e deputado Dr. Caetano Gonçalves.

Tambem o Dr. *Abilio Adriano de Sá*, no seu livro *Prisões, Fianças e Registo Criminal*, allude aos relevantissimos serviços prestados pelo juiz Osorio, honra da Magistratura portugueza, e gloria da Patria, que ardentemente aguarda a continuação do esforço intelligente e patriotico d'um dos seus filhos mais amados.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



SABOREANDO

José Malhó



UM RETRATO

Columbano Bordallo Pinheiro

PELO MUNDO FÓRA

Todos os corações portugueses fremem de alegria e de reconhecimento pelo acto magnanimo do rei Jorge V, de Inglaterra, que acaba de commutar a pena de morte em que havia sido condemnado em Liverpool o nosso compatriota *Oliveira Coelho* (veja-se pag. 146). A' emoção causada por aquella penalidade, que Portugal se vangloria de ter banido do seu codigo ha quasi um seculo, seguiu-se o clamor de piedade para com o desgraçado.

Do Brazil, de Portugal e de toda a parte onde pulsa o coração português, choveram supplicas ao filho de *Eduardo VII*, o grande amigo do nosso paiz. Nelle se concentravam todas as esperanças de salvar da forca o louco do *Deseado*.

Para o acto de generosidade de Sua Majestade o Rei da Grã-Bretanha e Irlanda e Imperador das Indias, muito concorreram tambem os elementos mais cotados da colonia portugueza em Londres, especialmente o srs. *D. Manuel de Bragança* e o *Marquês de Soveral*, que, como é sabido, gosam de grande sympathia na côrte britannica.

As noticias do *Mexico* são desfavoraveis a *Huerta*, que vê enfraquecer as suas forças e que se encontra em circumstancias bastante criticas, tendo-se até fallado em fuga. O certo é que *Tampico* cahiu em poder dos constitucionalistas apoz encarnizado combate em que houve 3:000 mortos e feridos.

A mediação A. B. C. foi aceite pelos presidentes *Wilson* e *Huerta*.

O general *Carranza*, chefe dos constitucionalistas, foi convidado a enviar delegados á conferencia que se realizou no dia 18 em *Niagara Falls, na fronteira do Canada e dos Estados Unidos*. Mas tendo-se este negado a consentir num armisticio, os mediadores retiraram-lhe o convite. Os revolucionarios, de resto, não admittem a mediação, senão para o caso de conflicto internacional, e nunca em conflictos internos. O armisticio mexicano-yankee permite que os E. Unidos ganhem tempo e evitem sacrificios de homens.

Huerta, d'este modo, tambem conta com mais forças para lutar com os rebeldes.

O chefe de bando, *Zapata*, avança para o sul e faz saber que os seus homens condemnaram á morte os generaes *Huerta* e *Blanquet*.

Produziu funda impressão a morte de dois marinheiros americanos na tomada de *Vera Cruz*.

Huerta não sae da capital do *Mexico*. Queixa-se amargamente do governo de *Wilson* e dos seus concidadãos, que estão fazendo uma guerra disfarçada á sua pessoa, fornecendo aos revolucionarios armas, munições e gente.

Em 12 do corrente falleceu *Eugenio Montero Rios*, um dos primeiros estadistas da *Espanha*, que durante mais de quarenta annos desempenhou notavel papel na politica, deixando o seu nome vinculado a muitas reformas de elevado alcance social d'aquella nação. Pertencia á ultima triolo-

gia da chefatura do partido liberal, antes do ministerio de *Canalejas*, no periodo aureo de *Maura*. Com *Moreto* e *Vega de Armijo*, conseguiu M. Rios equilibrar por algum tempo as forças do partido liberal, que tendia a desmembrar-se pela morte de *Sagasta*.

Nasceu em 1832 na encantadora cidade gallega de *Santiago de Compostella*, por cujas prosperidades muito trabalhou, valendo-lhe o honroso cognome de *bom filho de Santiago*. Doutorado em theologia e direito, foi professor das universidades de *Oviedo, Santiago* e *Madrid*, dedicando-se assiduamente tambem ao jornalismo.

Eleito pela primeira vez deputado ás côrtes constituintes em 1868, poz-se em evidencia como jornalista nas columnas da *Iberia*, de *Madrid*. Sub-secretario do ministerio da justiça quando *Ruiz Zorrilla* sobraçava aquella pasta, M. Rios entrou no gabinete *Prim*, como ministro da justiça nos primeiros dias de 1870. Reorganizou então o clero, estabeleceu a appellação para o crime, e a reforma hypothecarial e creou a *celebre lei do casamento civil*, que marcou a primeira *étape* da sua carreira politica.

Defensor acerrimo da monarchia democratica, e partidario de *Amadeu*, occupava aquella mesma pasta quando o monarcha renunciou á corôa em 10 de Fevereiro de 1873, acompanhando-o a Lisboa. Pouca influencia exerceu no periodo republicano que se seguiu até fins de 1874. Mesmo nos primeiros annos da monarchia de *Afonso XII* se manteve afastado da politica. *Zorrilla* arranca-o a esse retrahimento em 1880, levando-o a redigir o notavel manifesto que deu vida ao partido democrata progressista dirigido por *Zorrilla*. Pouco depois separou-se para, com *Martos*, formar a esquerda dinastica.

Quatro annos depois publicou a lei das garantias, vasto programma que o partido fusionista tomou como plataforma politica.

Ligado a *Sagasta*, chefe do partido liberal, acceitou a pasta do fomento em 1885, no primeiro ministerio de *Afonso XII*, occupando em 1893 o logar de presidente da camara dos deputados, e cinco annos depois a presidencia do Senado.

Por morte de *Sagasta*, cabe-lhe a chefia do partido, e, em 1904, occupa a presidencia do conselho. Em 1913 sobe pela quarta vez á presidencia do Senado. Não concordando com uma lei apresentada pelo gabinete, manifestou desejos de demittir-se. Tentaram demovê-lo retirando a proposta e facultando-lhe a constituição d'um ministerio da sua chefia. *Montero Rios* é inabalavel; retira-se para a sua querida terra de *Lourizan*, na provincia de *Pontevedra*, onde recebe innumeradas provas de carinho e de consideração.

A sua alta envergadura politica foi affirmada muito recentemente numa carta em resposta a uma consulta do chefe da dissidencia liberal, *Garcia Prieto*, sob propostas de character politico, formuladas por *Ascarate* e *Melquiades Alvarez*, para defenderem um programma commum dentro da monarchia. Nesse documento, de grande valor historico, M. Rios mostrava-se partidario de que nas leis fosse introduzido o espirito dos tempos modernos, sempre que os progressos se fizessem com ordem, ao abrigo da legalidade, e respeitando os direitos individuaes que pudessem estar ameaçados por imposições perigosas.

Noto estas passagens, onde ha exemplarissimas doutrinas:

— O operario deve trabalhar o que quizer, quanto quizer e mediante o salario com que se conforme.

— O Estado não tem capacidade para definir um dogma, para dizer qual a religião mais proveitosa, para a impôr nas suas leis, pois todo o espirital pertence exclusivamente á consciencia de cada cidadão.

No ensaio de voto feminino iniciado pelo *Journal* colheram-se nada menos de 505.972 votos favoraveis ao suffragio das mulheres. Apenas 114 protestaram contra a acção da politica das filhas de Eva.

As *suffragetes* inglesas redobram de violencia nos seus processos de conquistar o direito de voto; o contagio iconoclasta domina-as por completo. Ha dias uma dama de cabellos brancos, appareceu de machado em punho polpeando, na *Royal Academy of London*, o retrato de *Henry James*, fazendo-lhe estragos avaliados em 300 libras. Os assistentes, entre os quaes se contavam muitas senhoras, mostraram ganas de lynchar a heroína.

Ainda sobre feminismo ha que apontar o *Congresso Internacional feminista de Roma*, presidido pela *Condessa de Bordeu* e assistido pela *Condessa Spalletti-Rasponi* e *M.^{lle} Dora Miligan*. Reuniu 400 delegadas de varios paizes, que durante tres dias se occuparam dos seguintes assumptos: — *A vida das mulheres no campo; a criminalidade dos menores; avaliação economica do trabalho da mulher.*

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Outono na cidade

Paris, singulier pays, où il faut trente sous pour diner, quatre francs pour prendre l'air, cent louis pour le superflu dans le nécessaire, et quatre cent louis pour n'avoir que le nécessaire dans le superflu.

CHAMFORT.

Do Ribatejo desce a comprida bicha de saveiros atulhados de fruta sazoadada, melões, pêras, pecegos, maçãs, figos, uva, muita uva. Escusam de recorrer ao Borda d'Agua ou ao Saragoçano para constatarem que começou o outono na cidade, com seus dias de vidraça molhada, manhãs e tardes duma feéria oiro e rubim, aragens frias da banda do mar, tons de seda antiga na folhagem do arvoredado. Ao caes das Colunas, ao caes da Areia, ao caes do Sodré vendilhonas e contratadeiras acorrem, em horas certas no decurso do dia, e as ruas enchem-se de pregões de frutas que aos ouvidos dos nostalgicos são a canção repassada e profunda do estio defunto, especie de requiem entoado pela gula voraz sobre a abundancia do rincão saloio.

Como Lisboa é maravilha no outono! Já as primeiras chuvas rorejaram em leque aberto na agonia dos jardins, em belvedéres rosas e glicínias pela segunda vez floresceram, o azul do ceu é aquoso e brunido, nas montras reaparecem peliças de inverno, ás ruelas excentricas surdem velhuscos vendendo repertorios, a vida sabe como um vinho velho reanimador e aro-

mático. Por toda a parte fruta, muita fruta prenhe de viço e côr, apetitosa, maturada, tributo de sangue loiro que por ahí arriba a borda d'agua perenemente fertil paga á cidade insigne, escalonada em suas sete colinas, caravela airosa onde os corvos tutelares espreitam áleria a que os sarracenos não arrebatem o diadema de ametista e turqueza á linda mulher indolente, sempre fátua no seu escano de mármore e granito. Esta cidade a que o cronista chama de mui e desvairadas gentes, evoca a castelã sonhadora e languida, á beira-mar plangente embevecida na assumption da lua, emquanto no regaço as populações ribeirinhas sobrevêm, á porfia, a depôr-lhe os mais belos obulos do seu terreno fecundo, e ela com seus dedos de aneis a nada mais fazer do que aceitar magnanima a provisão dum outono cheio de graça para a sua sociedade fidalga, ora vendo tombar a chuva fina nos parques que se desfolham, ora vendo deambular nas ruas rapariguinhas nubentes de fundos olhos langorosos. Os barcos de prôas résvés a correntes scindem a remadas herculeas o estuario do Tejo, a fruta em cócares é como no instante em que é apanhada, as velas são azas disformes de ave de rapina, aguia ou condôr, que viessem de assolar os pomares pela calada do fim-do-dia, e tornassem ao falcoeiro ufanas com o produto da pilhagem. Fruta por toda a banda, fruta colhida das arvores aneiras que fletem chei-nhas, e que uma vez deposta na sua carrilha de folhelho e ramagens vem, em balada, abastecer a cidade. E' o cêrco prolongado que uma vez mais vae repetir-se derredor o castelo, isto que outono enchendo-nos de fruta sugere, e já um rei barbaro, de punhal nos dentes, cênho carancudo e garra adunca, se apresta a escalar as muralhas donde as almenaras no longe difundem um clarão sangrento.

Mas não, mas não! Lisbôa transfigura se sob o outono, a estação de extasis e de harmonia, em que a pôlpa setinea dos frutos maduros é como a carne intacta das virgens loiras. Jámais como agora é tão de prata o rio, jámais como agora ha azul desfraldado no ceu hialino! O ar tem um travo doce de kermesse pagã, ha arvores que reverdecem açodadas, a alegria é como uma chuva fina que desamolenta. Clorotica, destrambilhada, enfermiça, nervosa, a gentana alfacinha tem nesta quadra benefica um parentese de convalescença e bonança. Nesta vida catita e pifia, toda ela cordas de viola, a mais ser iludido que iludir, é a fruta o desterrar a barriga da miseria dum ano a oito, scena de estudantes bohemios que ao chegar da mezada vá de arremessar janéla fóra os cacarécicos soezes que lhes serviram no lapso cruel da miseria brava. Vive, medra, desencarde-se, purga-se, mercê o sangue vegetal que a borda d'agua lhe remete pouco mais que de graça e que, por isso, a todos chega, inda os que se alfurjam por bêcos e vielas, inda os que sofriam o estomago para luxos e frescatas de bom-tom.

Foi sempre assim, assim sempre! Lisbôa tafulária mirando-se no cristal do Tejo como num espelho oriental, cuida mais da galanteria que da vida lareira, dá-se mais á fatuidade que na granvia a luza e sara-coteie que á vida cauta de remanço e previdencia que ela era naturalmente adstrita. Resam cronicas que o rei D. Pedro, certa noite de insonias por bem houve

fazer apostar ali, ao Rocio, mesas fartas de carne de vaca e toneis atestados de vinho de Caparica para regalo da gentiaga urbana, a par da qual, ao som das longas de prata, sobreveio galhofeiro a ordenar suas danças e chacotas. Seria no verão ou, talvez, no inverno, que assim succedeu. Se fóra no outono, neste outono côr de perola a rubim, o povo desdenharia, tamanha é a quantidade de fruta que o Ribatejo despeja nos caes do rio, ás portas da circunvalação, nos postos de desembarque, vinda em barcaças, nas carroças, em vagns, fartura tamanha que não ha bôdo regio por mais abundante que se lhe avante!

E a melancolia inefavel da estação moribunda que sobrepoem deliquios nos organismos dessorados e, por instantes, engana as floritas exiladas nas platibandas, aumenta, se é possível, a existencia de ficção que a cidade arrasta. Preparam-se as andorinhas para emigrar, descarnam os crisantemos suas petalas plissadas, Mimi com a tosse a lhe arreganhar a nucasinha de camurça, adquire amores novos e responde á missiva romantica dum cadete de lanceiros. Ah! como o sol de outono, sobre dissoluções de lilaz e magnolia, cnfermo e saudoso exacerba a illusão desta trôpega leva de degredados, transmitindo pelo sangue definhado um eterno sonho pelintra de vadice, de fingimento, de deusdará! Sonham os maltrapidos com quimericas heranças, os doentes condenados com uma cura miraculosa, os que andam a pé com carruajens de espavento, os caducos



D. LUIZ QUESADA, NA SUA VIAGEM Á ALHAMBRA

senis com o retorno da juventude empavezada. Sob o outono, a febre de attingir o inatingivel escrucia como um ferro em braza numa chaga aberta. Os frutos atigem a plenitude da sazão e rolam na terra, a ambição apodrece as almas e estas trescalam como monturo ao ar da noite. E então, como se á agua longo tempo estanque arremessassemos um calhau, ao lume desta clandestina nevrose aparece o lódo, que é o fado languido, impotencia dum raça que se apandilhou na hora em que não houve mais mar a descobrir...

Assim se vive! Os pardaes, á tarde recolhendo, substituem a folhagem das olaias pelas avenidas e lembram os troncos floridos de Giotto nimbando a fronte profetica de S. Francisco d'Assis. Lisbôa sempiternamente ociosa no seu trono de mármore e granito é a alegoria da abundancia, princeza amortalhada de oiro, e assistida de cem vilas tributarias ao cólo maninho lhe despejando a cornucopia jocunda dos seus dons incomparaveis!

SEVERO PORTELA.



Novos compositores

D. Luiz Quesada

No nosso meio artistico D. Luiz Quesada occupa hoje um lugar de destaque. Nos principaes salões da nossa sociedade elegante e nos concertos, D. Luiz Quesada sempre brilha, já como compositor já como executante. Gosando uma bella fortuna a grande Arte é apenas na sua vida um mero passatempo, que elle cultiva com intenso amor.

Viajando todos os annos, conhecendo todos os grandes centros musicas da Europa a sua educação artistica tem-se desenvolvido ao contacto das obras dos mestres que eile conhece com bastante proficiencia.

As suas obras são bastante conhecidas, assim, no Porto, em 1 de junho de 1911 foi cantada no theatro *Sã da Bandeira* a sua opera em 1 acto *Andalusa*, libretto de Carlos Ferreira, e em varios concertos da nossa capital as suas composições para canto têm despertado vivo interesse.

Ha dias no concerto Bizarro, no Conservatorio, D. Luiz Quesada se evidenciou tambem como regente d'orchestra, revelando bastantes qualidades de fino musico.

A lista das suas obras até esta data, não falando na opera *Andalusa*, é a seguinte:

A cantiga do Nanél esboço lyrico de costumes minhotos em 1 acto, libretto de Augusto de Santa Rita (inedita).

No paiç do sonho, suite em 3 andamentos, executada pela orchestra David de Sousa, e em 1.^a audição em Enian-les-Bains, em setembro do anno findo, sob a direcção do regente do theatro *Renaissance* de Liege, e ha poucos dias no Conservatorio sob a regencia do auctor.

Resgate, soneto de Santa Rita.

Barcarola, versos de Mario d'Artagão.

Cancioneiro, serie de canções, sendo a *canção do ribeirinho* e a *aria da partida* creadas pelo tenor Paganelli.

Em preparo:

Uma peça de costumes arabes em 3 actos (opera comica), lettra de Santa Rita.

Outra peça sobre um libretto d'um grande poeta francez, escripta expressamente para Luiz Quesada.

Preludios das côres.

Preludios para concerto (piano).

O Pão nosso, de Correia d'Oliveira, e outras pequenas melodias para canto.

Como se vê, D. Luiz Quesada é um grande trabalhador, tendo enorme predilecção pela musica popular portugueza, que tem divulgado através das suas viagens ao estrangeiro.

Ao publicarmos hoje o seu retrato, prestamos assim homenagem aos seus conhecimentos musicas e ao grande amor que consagra á arte portugueza.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

(Veja Cronica Occidental)



RETRATO DE MINHA MULHER

Simão da Veiga



ROMANTICISMO

Carlos Bonvalot.



RETRATO DE MAD.^{ELE} E. DA S. G.

Carlos Reis



UMA PAUSA FORÇADA

Alves Cardoso



ENLEVO

José Veloso Salgado



Avó
Escultura de Julio Vaz



BUSTO DE MULHER
Escultura de Simões d'Almeida (sobrinho)



O CAES DO TERREIRO DO PAÇO — *João Vaz*



INTERIOR DA FORJA — *Artur Prat*



A' SOMBRA DA ARVORE FRONDOSA (BAVOZA—LEIRIA)
João Ribeiro Christino da Silva

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre autorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacarem))

Segunda parte

V

SYMPHONIA

(Continuado do numero antecedente)

Anna iria assistir ao idyllo musical de Serafina e de Mauricio, iria sentir a cruel desilusão d'aquella paixão que soffria ha tanto tempo na sua alma. Cada nota teria uma significação de ternura, cada compasso um golpe cruel!

A instrumentação estava feita de modo que violinos, violoncellos, clarinetes, oboés, todos tradussem os cantos de um coração apaixonado, de uma alma que não via outra coisa senão aquelle ideal casto e puro como um lyrio branco.

Quando a peça acabou, os applausos rebentaram em toda a sala. O regente d'orquestra agradecia repetidas vezes, e alguns assobios foram logo apagados por vivas ovações. Steinbaum, Lisbeth, a condessa de Rudennis, emfim todos ovacionavam o novo compositor, que d'uma forma tão brilhante se revelava um musico de talento.

Aquelle concerto foi para Anna Cozan um verdadeiro calvario de dores moraes. Ella bem sentia quanto aquella musica espiritualisava o amor do auctor pela mulher que elle amava tão loucamente! Mas a cantora applaudiu com enthusiasmo, não a musica, mas sim o talento d'aquelle que ella amava resignadamente, como ás escondidas.

— Não acha, Wolfram, disse Lescourias, que esta partitura tem arrosos de harmonia?!

— Não acho, por exemplo, que as flautas traduzam perfeitamente a desolação, a tristeza. Este Fombreuse, revela-se um mestre...

— Oh! um mestre! promessas nada mais!

— Esta partitura possui qualidades admiráveis.

E como Lescourias guardasse silencio, Wolfram acrescentou:

— Fombreuse tem o temperamento de um dramaturgo. A sua harmonia é d'um psychologo.

O chefe d'orchestra, subindo novamente ao estrado, impoz silencio.

— Que se toca? perguntou Wolfram.

— Um offertorio.

— De quem?

— De Galleran, um novo.

— Galleran! repetiu Wolfram, como se aquelle nome fosse conhecido de qualquer parte, conhece-o, Lescourias?

— Tem publicado peças para piano e algumas melodias para canto.

A orchestra iniciou os primeiros compassos, os trombones começaram uns desenhos interessantes. A' medida que a melodia ia apparecendo, Wolfram dizia:

— Oh! não... impossivel! Uma semelhança assim! Até á harmonia que eu tencionava corrigir!

— Que tem, Wolfram?!

— Não tenho nada, estou a ouvir...

Seguiram-se os cantos das flautas.

— Flautas! disse Wolfram. O estúpido não comprehendeu...

Parte da sala já estava a olhar para o cego.

— Esteja calado, Wolfram, pediu Lescourias.

Então, em voz alta, Wolfram disse:

— Onde está o miseravel que assignou esta obra?

— Fóra, fóra, silencio...

— Qual deverá ser posto fóra, o ladrão ou o roubado? Eu sou Wolfram e quero...

— Silencio! Fóra! Fóra!

— E' um doido, disse uma voz de mulher.

Wolfram falava, mas no meio d'aquelle tumulto não se podia ouvir nenhuma palavra.

— E' algum bebado.

— Talvez um anarchista.

Vieram os guardas e empurram Wolfram para uma das portas, o pobre cego cahiu. Lescourias, com receio de apanhar tambem, não defendeu o infeliz cego!

Um homem veio socorrer Wolfram.

— Parece impossivel, maltratam um pobre cego!

Era Steinbaum.

— Sois vós, sr. Steinbaum?

— Sou eu, será melhor sahirmos.

A orchestra, apoz o silencio restabelecido começou o *andante religioso* de Galleran.

Ambos entraram n'um café, Wolfram encostado a uma das mezas, sentia na sua mente uma revolta de ideias que não sabia como distrair-se.

No fim do concerto, Steinbaum foi buscar Lisbeth que já estava com cuidado. As crianças foram de carro com a mãe, Steinbaum acompanhou o cego.

A' sahida do theatro, todos os artistas, amadores, *snoobs*, vieram felicitar Fombreuse. Galleran n'um grupo de bonitas mulheres, dizia que tinha sido victima de uma exploração.

Fombreuse viu Wolfram caminhar pelo braço de Steinbaum e foi ter com elles.

— Meus senhores, disse Fombreuse, eis Wolfram Walter, um mestre, que a pobreza o fez separar de nós. Eu saúdo um genio ignorado.

— Mas não é aquelle do barulho?! Disse alguém.

— Sou eu proprio, o triste heroe d'esse escandalo.

— Mas então?

— Ha biltres de tal ordem, que é melhor não fallar n'elles. O tempo se vingará. Adeus, meus senhores, tenho pena de eu ter sido a causa do tumulto, mas foi mais forte do que eu.

No dia seguinte todos notaram que Galleran tinha desaparecido, sem quasi receber os cumprimentos pelo successo da sua obra.

A noite em casa de Steinbaum passára com tristeza. O gravador quizera festejar o successo de Fombreuse, mas a presença de Wolfram recordava-lhe momentos de tristeza. O cego estava nervoso, parecia que, no seu ouvido, ainda sentia os clamores do publico contra elle!

Não pensava senão como Galleran pouda apanhar a sua musica.

— Nós desvendaremos o veio, a infamia, disse Fombreuse, escreveremos.

— ...que um pobre cego deixou cair a musica e que outro a apanhou! recompensa honesta, meu caro Fombreuse.

— Alguem lhe deu a musica.

— Fabio, talvez, disse Steinbaum.

— Oh! não, não, Fabio, não!

— Talvez alguém das suas relações.

— Lembro-me vagamente que Askethès levou alguns manuscriptos meus. Agora estou a ligar os dois nomes Galleran e Askethès!

— Rudolfo, disse Lisbeth, Walter está fallando como estivesse delirando.

Steinbaum tomou-lhe o pulso.

— Com effeito, está forte.

Não deixaram que Wolfram sahisse.

Toda a noite, Fombreuse esteve ao pé do cego, de vez em quando punha-lhe na testa pannos de agua fria.

— É tu... Fabio... as tuas mãos estão geladas... fica ao pé de mim outra vez...

— Durma Wolfram, sou eu Fombreuse, já é meia noite, é melhor dormir.

— Minha mãe... canta, canta, que eu durmo... tenho medo da solidão...

— Estou aqui Wolfram.

Então Fombreuse cantou-lhe mansamente a *berceuse* de Schubert.

Wolfram começou então a dormir.

Fombreuse foi então escrever a Serafina.

N'esta carta ia todo o seu amor, por aquella que era toda a sua vida.

N'aquelle silencio do quarto apenas se ouvia a respiração de Wolfram.

(Continúa.)



NO PORTO

D. Bertha d'Artayett Barbosa

Terra onde a música encontra grande número de cultôres e de apaixonados, o Porto, vê repetirem-se as sessões em que a divina arte é objecto de acrisolado carinho para sodos os que, numa manifestação de bom gosto e superioridade de espirito, a ela dão o melhor do seu talento e da sua sentimentalidade, artistas uns, de profissão, outros, de amôr, todos valendo muitissimo. Tradicional êste gosto marcado pela música mostra-nos um dos aspectos interessantes da vida portuense.

No passado dia 10 coube a vez aos que começam — os futuros artistas —, que tendo a prendê-lo ainda a commoção de se vêrem em publico, souberam imprimir às suas execuções toda a arte que o seu aproveitamento de estudantes lhes permitia — e fizeram-no magistralmente.

A distinta professora de piano, D. Bertha Barbosa, apresentava-nos as suas discipulas, em *matinee* elegante, que nos deixou impressão gratissima, e colhia assim justo prémio do seu labôr, duplamente concedido pelas suas jovens discipulas e por todos os que nelas puderam vêr o seu proficiente cuidado e mestria.

Executaram musicas de Paul Wachs, Gael, Schmitt, André Behr, Mendelssonh, Grieg, Beethoven, Sellenik, Diabelli, Laglô, Rachmaninoff, Goard, Dubois, Chopin e Sgambatti as meninas Maria Tereza Lencastre da Mota, Maria Margarida Lencastre da Mota, Maria Emilia Saraiva Aguiar, Deolinda Coelho da Silva, Maria Emilia Barbedo Ferreira, Ormindia Costa, Maria Emilia Guimarães, Maria Guilhermina de Sousa Correia Barbosa, Maria de Lourdes e Maria Tereza Correia Guimarães, Maria Esther de Magalhães, Maria Victoria Moura, Maria do Ceu Ortigão Miranda, D. Armanda e D. Fernanda Figueiredo, D. Laria Tereza Magalhães Basto Machado, D. Maria Celeste de Magalhães, D. Maria Magdalena da Conceição e Sousa, D. Maria Julia de Oliveira e D. Ilda Moutinho.

Com a sua cativante amabilidade, a illustre professora maior brilho deu à sua encantadora festa.

Daqui lhe endereçamos os nossos sinceros parabens na homenagem respeitosa que ao seu talento é devida.

A. N.

A Festa das Flores na Imprensa Nacional

Com a primavera reanima-se a vida da cidade em todas as manifestações da actividade cívica, de congressos, concursos, exposições, concertos e festas associativas, principiando pelo primeiro de maio, que o operariado escolheu para o seu dia de gala e de confraternidade.

Pois é uma festa operaria que dá motivo a estas linhas, uma festa duplamente simpática e significativa, porque tomou por pretexto as flores, encanto dos sentidos, e afirmou progresso de educação nos que a promoveram e levaram a efeito de modo brilhante.

Era proprio que a classe tipografica, aquela, por ventura, mais ilustrada do operariado português, iniciasse uma festa civilisadora, escolhendo para o efeito, e muito bem, as flores, que ora se estendem em matisados tapetes pelos campos do nosso lindo Portugal, ou se erguem e alçandoram pelos parques e jardins, em coloridos arbustos e macissos de encantadores roseiras de estonteante fragancia.

Foram os tipógrafos da Imprensa Nacional, os iniciadores da festa das flores, conjugada com a festa do trabalho, ideia graciosa, delicada, posta em pratica com o brilho e encanto que o publico que visitou naquele dia a Imprensa Nacional, pode observar e admirar.

As oficinas afesturaram-se de galas, as maquinas e as mesas de trabalho cobriram-se de flores em caprichos de arte, e quando não bastasse todo este encanto para a vista, em que cooperaram dedicadamente os srs. José Antonio Pereira e João Firmino das Neves, juntou-se-lhe as harmonias da musica pela banda de Infantaria 5 e a orquestra do Asilo dos Cegos Antonio Feliciano de Castilho.

A Imprensa Nacional abriu as suas portas ao publico, que encheu as vastas oficinas curiosos de gozar a festa que se lhes proporcionava, a qual foi inaugurada com a presença do Chefe do Governo sr. dr. Bernardino Machado, ministro da instrucção sr. dr. Sobral Cid e governador civil sr. dr. Cassiano das Neves, os quaes acompanhados pelo director da Imprensa Nacional sr. Luis

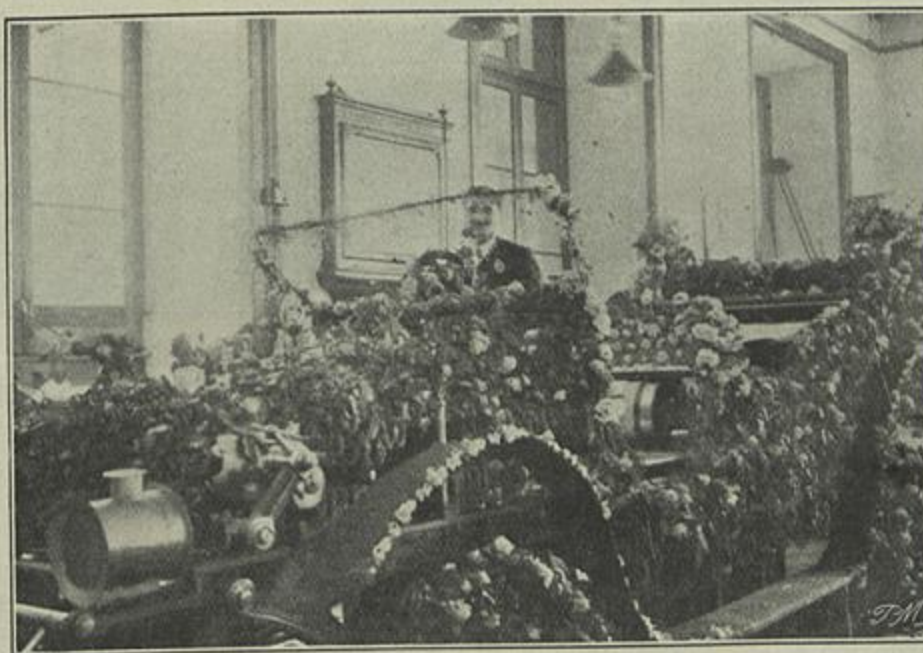
Derouet, visitaram todas as oficinas, elogiando a bela disposição em que tudo se encontrava, sendo de notar o aspeto das oficinas, transformadas como que em jardins, e a arte com que os diferentes maquinismos estavam lindamente decorados de flores, perfusamente distribuidas.

Numa das gravuras, que abaixo se vê, avulta uma maquina de imprimir, artisticamente decorada de flores a guisa de automovel, de belo e surpreendente efeito, atestando o gosto e fantasia do auctor.

O sr. dr. Bernardino Machado num breve e elegante discurso, notou os progressos realizados naquele estabelecimento do Estado e que maior incremento tem tido sob o novo regimen. O sr. dr. Sobral Cid falou da influencia da educação social e artistica que bem se manifestava naquela festa tão honrosa para os operarios da Imprensa Nacional como para o director daquele estabelecimento sr. Luis Derouet.

Como complemento da festa, o sr. Raul Leal, recitou primorosamente uma poesia de Gomes Leal, o sr. Arthur Pereira Mendes, leu com bella dição uma poesia de Guerra Junqueiro e o sr. Norberto de Araujo, uma poesia de sua composição. Registramos com prazer esta festa civilisadora.

A Festa das Flores na Imprensa Nacional



UMA MAQUINA DE IMPRESSÃO ENFEITADA DE FLORES, SIMULANDO UM AUTOMOVEL



O SR. PRESIDENTE DO GOVERNO, MINISTRO DA INSTRUÇÃO E GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA, ACOMPANHADOS DO SR. LUIS DEROUET, VISITANDO AS OFICINAS

O MEXICO

(Concluido do n.º antecedente)

Por tres seculos pendeu de Madrid o governo supremo d'esta Nova Espanha; mas, aos 16 de setembro de 1810, o cura Hidalgo, em Dolores, soltou o primeiro grito de independencia á frente de grande parte do povo.

Desde essa data até o ano de 1821, não cessou a luta e a matança entre os revolucionarios e as forças de Espanha.

N'aquelle ano, contudo, o general Iturbide, mexicano, que primeiro estivera ao lado dos espanhoes, conseguiu tomar o Mexico e impôr ao vice-rei espanhol o reconhecimento da independencia.

No ano immediato, 1822, este mesmo Iturbide logrou a aclamação de imperador sob o nome de Augustinho 1.º, de que se viu forçado a abdicar em 1823.

Esteve refugiado na Italia e em seguida em Londres; e, na esperanza de assumir de novo a corôa desejada, regressou ao Mexico em 1824, aonde o prenderam e fusilaram.

Iniciou-se e proclamou-se no mencionado ano o governo federal, a quem Fernando 7.º tentou arrancar a prêsã de balde, pois, uma expedição de tropas, enviada de Cuba, foi obrigada a capitular em 1829 no campo de batalha de Tampico e retirou desastadamente.

A partir, porém, de 1824, as ambições desencadearam-se ferozmente e os presidentes eleitos tartaram de uns aos outros empolgar o mando e até a vida.



EXPOSIÇÃO DE LAVORES NO COLEGIO MEUNIER, EM PONTA DELGADA

(Cliché do Salão High-life de M. J. Mattos)

Por ocasião da implantação da Republica, extinguiu-se em Ponta Delgada um collegio de religiosas, que durante muitos anos funcionou naquella cidade. Em sua substituição foi então fundado um outro muito mais completo por D. Maria Meunier, senhora muito ilustrada e que teve o cuidado de escolher excelentes professores para o seu collegio. Do bom aproveitamento das suas alunas revela-o bem a ultima exposição de lavores ali realisada.

Em 1855, após a queda de Sant'Ana, ficou o paiz em deploravel estado anarquico.

Antes d'isso, ocorrera um acontecimento que provocou a guerra entre o Mexico e a prodigiosa patria de que leio esta frase, em obra notabilissima (Alexis de Tocqueville — *De la Démocratie en Amérique*):

«Nos Estados da Nova Inglaterra a sorte dos pobres acha-se garantida desde sempre.»

O Texas, nada afeto ao ditador Sant'Ana, revoltára-se contra ele e separára-se do Mexico em 1836.

Houve a seguir luta renhida; mas o facto consumado permaneceu tal e o povo do Texas, vencedor, conquistou a autonomia e, em 1845, fez-se encorporar nos Estados Unidos.

D'aqui derivou a guerra indicada, cujo termo foi a completa vitória dos americanos do norte, que chegaram a tomar a cidade do Mexico em 1847.

«O general Sant'Ana, escreveu um portuguez que tambem exerceu funções officias na America (Antonio da Cunha Pereira de Sotto Maior — *Os Estados Unidos*) não se dava ainda por vencido. A 22 de setembro appareceu em frente de Puebla, onde o coronel Childs se achava cercado por forças mexicanas. A chegada, porém, do general Lane obrigou aquelle caudilho a abandonar a sua empreza, sendo depois batido em Huamantla. Ainda, a 18 de outubro seguinte, foi novamente derrotado em Alixco; e desde então as suas tropas

dispersaram, e elle, o primeiro general do Mexico, tornou-se um simples fugitivo.»

Posteriormente, não cessaram as disputas internas, com as armas na mão.

A genuina anarquia predominou por mais de uma vez.

A 23 de dezembro de 1858 o ditador Zulóaga perdeu o poder ante Miguel Miramon, a quem o banqueiro Jecker, cidadão francez naturalizado, emprestou alguns milhões, mediante contrato leonino.

Por este tempo Benito Juarez adquirira prestigio politico bastante e constituiria governo em Vera-Cruz, de onde sacudiu Miramon que lhe pozera cerco, e assentou a ação triunfante do partido federal.

Juarez alcançou a presidencia da republica mexicana que o reelegueu, com o reconhecimento da Inglaterra e França, 1861.

Com a França e sob o governo de Luiz Filipe, em consequencia do assassinio de um consul, surgiu um conflito de que resultou para o Mexico o desmantelamento do forte de S. João de Uloa, o bombardeamento de Vera-Cruz e uma elevada contribuição de guerra.

Não satisfez o governo mexicano á letra do tratado com a França, que havia enviado ás suas aguas uma esquadra.

Em breve, o saque de um estabelecimento em que havia 600:000 piastras, de subditos da Gran-Bretanha, determinou esta potencia a exigir um desagravo.

Parece que outros casos se deram, pouco agradaveis, com agentes consulares de outras nacionalidades.

Gutierrez de Estrada, clamava desde 1840, que o Mexico só poderia salvar-se pela monarchia e apelava para a França e Inglaterra.

Ambas estas potencias e a Espanha eram credoras de avultadas sómas que o Mexico fôra compelido a levantar. Os juros estavam outrosim em divida, por efeito de suspensão de pagamentos.

«Convencionaram entre si a Inglaterra, a Hespanha e a França (30 de novembro de 1861), obrigar o Mexico, se necessario fosse á força, á satisfação do seu debito. (Cesar Cantu — *Vida do Archiduque Maximiliano de Austria*). Uma intervenção pacifica e civilisadora da Europa e dos anglo-americanos teria podido ser muito util, ao passo que uma intervenção armada offendia o sentimento nacional, e provocava uma resistencia patriotica. Por sua parte, desejava o governo de Washington antecipar-se com a sua intervenção á da Europa, e d'ahi aproveitar-se de um tão propicio ensejo para senhorear o Mexico. Assustadas com essa perspectiva, reuniram-se as nações europeas em acção commum, e as tres esquadras alliadas transpuseram o Atlantico. A esquadra hespanhola, commandada por Prim, adiantou-se e tomou S. João de Uloa. Juarez poz o povo todo em armas, desaçaimou as guerrilhas, obteve um avultado emprestimo nos Estados Unidos, e declarou traidores todos os que se deixassem ficar nos territorios iuvadidos pelo estrangeiro. A Hespanha, com quanto pudesse reivindicar o seu antigo

senhorio de uma terra a que aliás nunca renunciara, e onde contava partidários, não estava disposta por então a um tal sacrificio de gente e dinheiro; desceu o seu general a tratar com Juarez, e contentando-se com uma promessa de indemnização, retirou-se. Outro tanto fizeram os inglezes.»

Napoleão III, aquele farçante que Vitor Hugo com tanta propriedade classificou de «bandido», resolveu proseguir na empreza e pretendeu ser indemnizado pela quantia emprestada a Miramon por Jecker.

Com semelhante pretexto e talvez embaçado no sonho de praticar algum acto de renome, envolveu-se nos negocios do Mexico, em circumstancias verdadeiramente pavorosas, e d'ahi veiu a promanar o imperio de Maximiliano, cujo epilogo dramatico ou antes tragico ninguem desconhece n'esta altura do seculo xx.

Feito prisioneiro de Juarez, foi julgado e condenado á pena de morte em conselho de guerra, sendo executada a sentença em Queretaro em 19 de junho de 1867. Com ele acabaram a vida pelas balas do

mesmo pelotão Miramon e o general Megia. Juarez conseguiu, sem embargo de ter adversarios, mantêr-se no poder até 18 de julho de 1872, ano em que faleceu.

Não pararam as lutas de partido e as febres delirantes pela chefia presidencial até que o general Porfirio Diaz, ha pouco retirado do governo, assumiu a ditadura de que longamente esteve na posse, com vantagem ao que se vê da sua irrequieta patria.

Apresenta-se-nos o Mexico em categoria de nação privilegiada pela Natureza quanto ao assento geografico em que demora e aos recursos inexgotaveis de que dispõe nas entranhas do seu solo. Não assim, infelizmente, no que toca aos seus povoadores, padecentes de fanatismos que lhes não consentem o salutar socego com que deveriam aproveitar-se de todos os elementos de riqueza e prosperidade, abundantes no belo paiz!

Entretanto, como se acaba de verificar pelas fugitivas linhas que precedem, nunca a terra mexicana deixou de ser teatro mais ou menos sangrento de retaliações partidarias e de violencias de paixões per-

feitamente desenfreadas. Não é crível que haja de resistir á lei do progresso intelligente e á luz da civili-sação esclerecida, um tal feitio que repugna ao testemunho logico da Historia e não é ajustavel á voz autentica e serena da consciencia imparcial.

Matar-se, homem a homem, dentro de um identico plano fraternal, na proprio periferia destinada á sincera mutualidade de esforço comum, aquecido por correlativos laços de amor e alargado por proporcionada manifestação de sentimentos de civismo puro, é caminhar de encontro ao legitimo interesse individual e coléctivo, manchar a palavra e o braço, ofender a dignidade humana e, mais do que isto, preparar o terreno e abrir a cova de insanias em que se precipitam e afundam como em abismo tremendo todos aqueles que enfermam pelos sentidos e são surdos á razão!

Oxalá o Mexico possa libertar-se de todas as poeiras e ferrugens, e ocupar no mundo americano uma posição modelar de sensatez democratica.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Pelos teatros

Nacional

Telhados de vidro, peça, em 4 actos, original de Augusto de Lacerda.

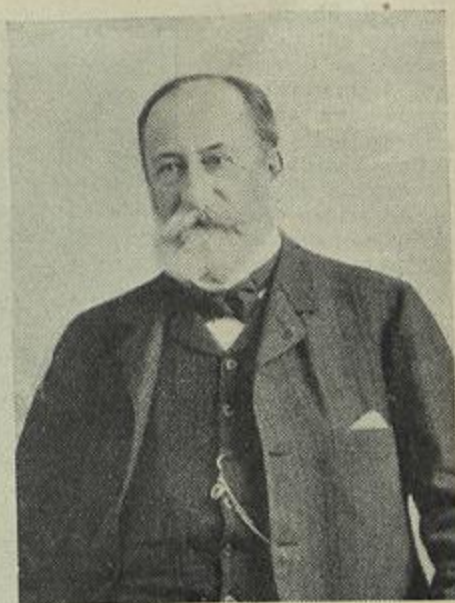
A situação obscura e difficil que envolveu por anos sucessivos duma ambiencia de abandono e desprestigio, o lindo e glorioso teatro de Almeida Garret, vae, em breve, modificar-se. A breve trecho, vê-lo-emos atravessar uma nova fase de esplendor e gloria. Para realisação deste *desideratum* serão suficientes, meramente, bõa-vontade e bom-senso, da parte que compete á responsabilidade da administração.

Subsidios do Estado, aquiescencia de bons artistas, representação de belas peças — eis tanto quanto basta para elevar o Teatro Nacional ao logar de consideração e prestigio que de direito lhe pertence.

E', pois, com summa alegria que vemos fazer parte do elenco desse teatro a actriz distintissima que é Angela Pinto. Reapareceu no papel de Rachel, na peça *Telhados de vidro*, que é uma



HARICLÉE DARCLÉE



MAESTRO SAINT-SAËNS

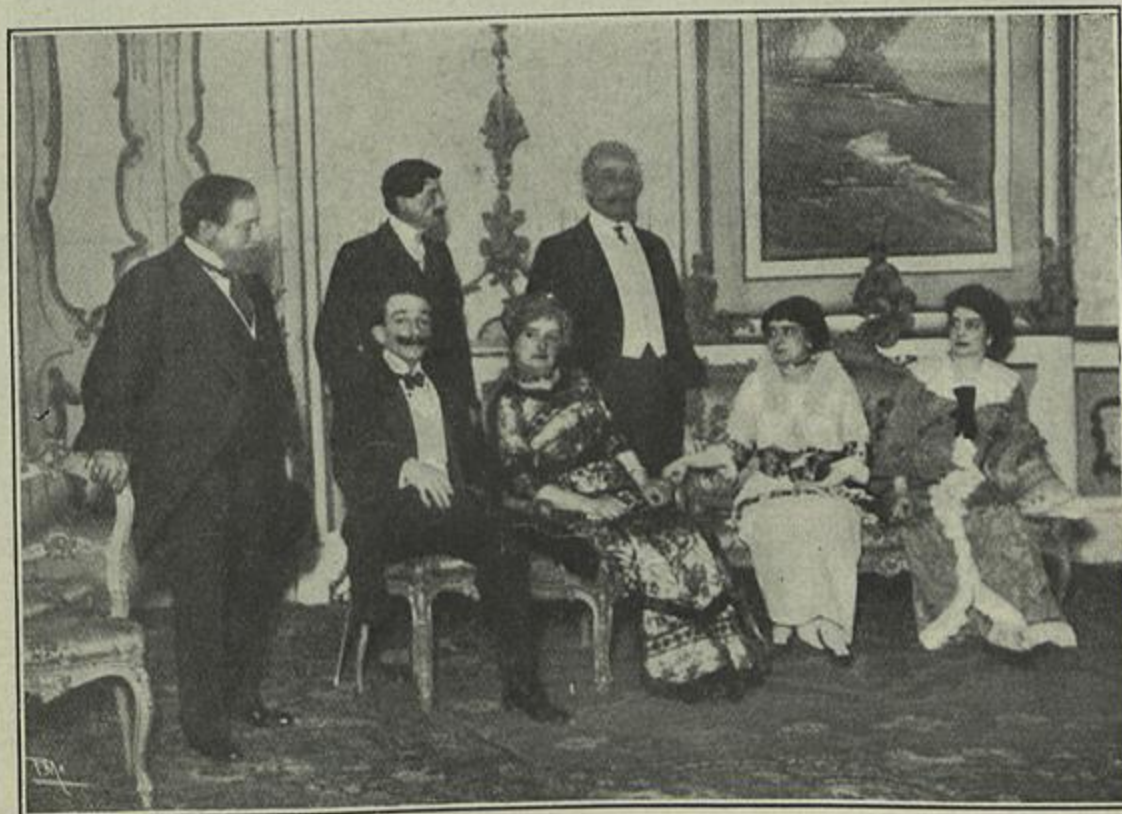
das suas mais belas criações.

O nome de Augusto de Lacerda é já, por muito, conhecido, dos amadores de teatro. Conta anos de experiencia literaria e a sua aparição no teatro não foi simplesmente, um caso fortuito, antes a êle, com maior carinho, se tem dedicado.

Esta ultima peça, em representação, no Teatro Nacional, não é, sem duvida, isenta de defeitos. Por certo, não resiste a uma analyse rigorosa, porquanto o autor, dominado, em demasia, pelas exigencias do *métier*, e efeitos do *truc*, sacrificou sem escrupulos a realidade.

Assim, por vezes, as figuras são maltratadas e a acção logica da peça resente-se.

A acção teatral decorre, na actualidade, em Portugal;—entanto, cheira a estranja que fede quasi insuportavel.



Ignacio Peixoto — Luiz Pinto — Berardi — Albertina de Oliveira — Laura Cruz — Carlos Lacerda — Joaquim Costa
THEATRO NACIONAL — TELHADOS DE VIDRO — Original de Augusto de Lacerda

Aonde é que o sr. Augusto de Lacerda foi surpreender um *reporter* que armasse para efeitos de *detective*? E não seria por muito forçado que intrometteu naquela familia um *reporter* de tal categoria, parvoinho e malavindo?...

Que fatalidade poderia obrigar o autor a meter em jogo scenico um pobre-diabo de caixeiro-de-confiança ou secretario de homem de negocios — pobre-diabo que passeia estúpido e aborrecido por aqueles salões, sem gesto nem palavra, intruso na familia, e importuno, até á obsessão, para o publico paciente e espectador?...

As relações tidas e havidas entre marido e esposa protagonistas são de tal jaez que parecem jogar de *blague* com a familia e visinhos para darem occasião propicia ao sr. La-

Festa da Arvore em Angra do Heroismo

cerda que lhe permitisse urdir peça de feito e efeito...

Sem embargo, o autôr evidencia-se conhecedôr suficiente da scena e dialogador correto.

Quanto a mera representação, é dever colocar em plano relevante de destaque, Angela Pinto, Joaquim Costa, Ignacio Peixoto e Augusto de Mello.

Coliseu dos Recreios

A estreia, no Coliseu, da insigne soprano Darclée, foi acontecimento sensacional de arte que levou o publico de Lisboa a encher completamente a grande sala de espectáculos deste teatro.

Darclée, vantajosamente conhecida nas primeiras operas liricas da Europa e da America, não o é menos em Lisboa, onde ainda não ha muitos anos, se fez ouvir em S. Carlos, sendo entusiasticamente aplaudida pela exigente plateia deste nosso teatro lirico. Os aplausos que então acolheram a gloriosa cantora, não foram superiores aos que o publico lhe fez agora.

Cantou-se a *Tosca*, em que Darclée tem um dos seus maiores triunfos. Poucas cantoras a podem egualar no desempenho desta partitura de Giacomo Puccini, tão exigente para a soprano como para a atriz, pela excepcional intensão dramatica do libreto.

De uma e outra cousa, Darclée se desempenhou á maravilha, mostrando que ainda conserva os belos recursos da sua voz agradável e extensa e qualidades de artista dramatica, como provou, principalmente, no final do segundo acto.

O tenor Mulleras e baritono De Marco secundaram bem todo o trabalho da eximia cantora, fazendo-se aplaudir, muito especialmente Mulleras na romanza do terceiro acto que, foi bisada.

Darclée apenas cantará em tres recitas extraordinarias, o que, de certo, deixará o publico saudoso de a ouvir.

O empresario, sr. Antonio Santos, que tanto se tem esforçado para trazer ao palco do Coliseu artistas de alto valor, conseguiu que,



CREANÇAS QUE TOMARAM PARTE NA FESTA PASSANDO NA PRAÇA DA RESTAURAÇÃO

nesta epoca, o notavel maestro Camillo Saint-Saëns, venha reger, nesta casa de espectáculos,

da terra e modo de os combater; *Algumas arvores e arbustos de florescencia da primavera*,

por Duarte de Oliveira; *Observações sobre floricultura e exposições*, por Manuel M. Pinto dos Santos; *Crisantemos*, por José Victor de Oliveira; *Influencia dos adubos quimicos nas culturas frutiferas*, por Cardoso Guedes.

Varias ilustrações acompanham este numero, nas quaes sobre saem as que se referem á exposição de frutas, que os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, realisaram em Lisboa, no mez de fevereiro ultimo.

Amôr, doce chimera.

— *Valsa de concerto para canto*. Musica de Joaquim Alagarim. Letra de João da Ega. — Teve o auctôr a gentileza de nos ofertar esta linda valsa. Em breve audição, logo se reconhecerá os meritos do compositor, pela beleza ritmica que a caracterizam.



A PLANTAÇÃO DE UMA ARVORE

(Fotografias enviadas pelo professor sr. Ciriaco Tavares da Silva)

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX-O Melhor Premio da Exposição-LONDRES 1905

CONTRA A DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNÊ

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDECOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medallas de ouro, nas exposições de Lisboa, 1889, Paris, 1889, Belem, 1893, Anters, 1894, Le-nôres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.^a

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido provelto nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, é ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA